



“POR MIM NÃO EXISTIRIA, MAS RESPEITO”: REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO CANDOMBLÉ ENTRE ALUNOS DE UMA ESCOLA PÚBLICA DO RECIFE

Renê Marcelino da Silva Junior¹, Danilo Mamede da Silva Santos²

Universidade Federal de Pernambuco, renemarcelino@gmail.com; Universidade do Estado da Bahia - UNEB

Resumo: Investigamos as Representações Sociais (RS) do Candomblé entre estudantes de uma escola pública de Recife. Partimos da necessidade de compreender como estes alunos simbolizam tal religião, para que os profissionais de educação planejem estratégias didáticas para construção de conhecimentos sobre o Candomblé demarcando suas contribuições para a formação cultural brasileira, desconstruindo noções preconceituosas, intolerantes, etnocêntricas e contribuindo para implementação efetiva da lei 10639/03. Verificamos que a religiosidade afro-brasileira aparece silenciada na escola, a RS do Candomblé centra-se na ênfase dos elementos rituais usados nesta prática religiosa, mas ancora-se no discurso judaico-cristão para sua negatificação, estes resultados levantam implicações para adoção de uma perspectiva multicultural na educação.

Palavras Chaves: Candomblé, Representações sociais, lei 10639/03, Educação Etnico-racial.

Introdução

Após 13 anos de promulgação da lei 10639/03 que institui a inclusão do ensino da cultura afro-brasileira e indígena nas escolas de todo o país, vários estudos tem demonstrado muito poucos avanços na sua efetivação. Tal lei nasce da necessidade histórica de resgatar, reparar e reconhecer à diversidade cultural inerente a identidade nacional, promovendo ações afirmativas em torno da identidade sóciohistórica do povo negro através de uma educação que desenvolva um sentido de pluralidade étnica e cultural na formação dos cidadãos. Embora, figure como um único aspecto da cultura afro-brasileira o Candomblé é uma temática pouco abordada na escola e cercada de tabus, preconceitos, visões distorcidas e amplo desconhecimento por parte de docentes, discentes e equipe gestora, destacando-se diversos episódios de intolerância religiosa dentro das escolas noticiadas pelos meios de comunicação (CAPUTO, 2011).

Estudos têm identificado resistências e dificuldades de docentes e discentes no tratamento das temáticas afro-brasileiras na escola, que vão desde lacunas na formação até o total desconhecimento das matrizes religiosas do povo negro, uma série de mecanismos de silenciamento das heranças afro-religiosas percorrem todo o sistema educacional, Caputo (2011) identificou educandas e educandos que silenciam suas pertencas a religiosidade de matriz africana por medo do

¹ Professor da Educação Básica do Município de Caruaru e Graduando em Psicologia, Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Pernambuco, Av. Prof. Moraes Rego, 1235, Recife-PE, CEP-50670-901. Email: renemarcelino@gmail.com

² Professor adjunto do Departamento de Educação da Universidade do Estado da Bahia - UNEB



estigma e preconceito, França e colaboradores (2012) verificaram que os educandas/os de uma escola paraibana não discriminam as diferenças entre os segmentos religiosos de matriz africana, o desconhecimento destas formas de culto evoca medo e dúvidas, provocando o estabelecimento de associações destas com o mal, perigo, ameaças, maldade, etc. Este estudos denunciam por uma lado os impeditivos a implementação da lei e por outro os fatores que favorecem a manutenção do racismo nos diversos níveis educacionais. Neste aspecto o conjunto de crenças, valores e ideologias que dão suporte ao silêncio em torno da religiosidade africana nas escolas figura como um dos elementos que favorecem a manutenção do racismo religioso, constituindo também um aspecto de grande importância para combatê-lo na medida em que as bases de significação adotadas pelos sujeitos escolares para amparar suas visões do Candomblé servem de ponto de partida para sua desconstrução.

Candomblé: cosmovisão e resistência cultural

O Candomblé é uma religião de matriz africana construída no Brasil após diáspora negra escravagista, praticada majoritariamente pelos povos de língua Ioruba. Em solo brasileiro diversificou-se em versões rituais e míticas chamadas de nações com denominações variadas: em Pernambuco e Alagoas o Xangô, na Bahia o Candomblé de ketu, jêje e angola, o tambor de mina no Maranhão e o batuque no Rio Grande do Sul. A Umbanda também é uma religião de matriz africana, mas diferente do Candomblé por sua natureza sincrética ao congregar os deuses africanos, católicos e influências do espiritismo Kardecista (PRANDI, 1996). Em Pernambuco e Alagoas também encontramos o culto a Jurema ou catimbó, uma expressão religiosa de origem afro-indígena voltada ao culto de espíritos encantados, caboclos, mestres e mestras que também envolvem o transe de possessão (MOTTA, 2000). O Candomblé existe e resiste por séculos no Brasil, servindo de instrumento de preservação da memória cultural do povo negro, o elo com uma África simbólica trazida para o espaço da opressão colonial com o sentido de reviver sua comunidade tribal perdida e resistir ao mundo branco (BASTIDE, 1971). Estigmatizado e perseguido historicamente pela inquisição e pela polícia no período militar, o Candomblé mantém-se no Brasil contemporâneo a revelia das formas modernas de racismo, preconceito e intolerância religiosa.

A cosmovisão do Candomblé é complexa, assenta-se a partir de narrativas míticas mantidas pela tradição oral, portanto não possui uma teologia sistematizada, um livro sagrado ou um código de ética formalizado, mas sua teologia e liturgia são herdadas pelos ancestrais da comunidade de culto e mantem-se vivas nas práticas rituais ensinadas pelos sacerdotes mais velhos, organizados em toda uma hierarquia que prima pela valorização da ancestralidade. O mundo Iorubá organiza-se a



partir o *Ayê* o mundo dos vivos e da matéria e do *Orun* o mundo dos Deuses, orixás e ancestrais divinizados para onde todos seguirão após a morte, não existindo, portanto as noções de prêmio, punição ou julgamento pós-morte. São duas ordens de realidade que se relacionam por meio de um contínuo dar e receber, ofertas e rituais são executados no *Ayê* usando elementos vegetais, minerais e animais que permitem a intermediação do axé pelos orixás. O axé é a força vital, o princípio dinâmico do universo que precisa ser fixado e intensificado para manter o equilíbrio dos homens no *Ayê*. Na filosofia iorubá o prazer é estar no mundo dos vivos, e nele são cultuados seus ancestrais, os Orixás, através de um repertório de rituais cíclicos que envolvem imolação de animais, oferta de alimentos e diversos ingredientes, que objetivam a transmissão do axé, a energia vital, e restauração do equilíbrio no mundo dos vivos (PRANDI, 1996).

Para alguns antropólogos o Candomblé é uma religião monoteísta, Olorum é o Deus supremo, infinito e primordial, criador do mundo e o pai de todos os Orixás a quem delegou o manejo do mundo e controle das forças naturais, de forma que cada divindade é responsável por uma força da natureza: Oxóssi é o senhor das matas, Ogum o senhor do ferro, Oyá dirige os ventos e tempestades, Oxum é senhora dos rios, águas doces, etc. (VERGER, 2002). As cerimônias públicas do Candomblé são exuberantes com cores, danças, brilhos, músicas ao som do atabaque e esplendor estético, nelas os deuses africanos voltam ao mundo dos vivos através do transe de possessão no corpo de seus adeptos para reconstruir de modo festivo por meio da dança, músicas e cânticos as suas narrativas míticas. Para Prandi (1996) estas cerimônias figuram como *“um grande palco em que se reproduzem tradições afro-brasileiras igualmente presentes, em menor grau, em outras esferas da cultura, como a música e a escola de samba”*, acrescentaríamos o maracatu e os afoxés que também são representativos das interpenetrações entre cultura e manifestações religiosas afrodescendente.

Os estudos em ciências humanas tem sistematizado um corpo de conhecimentos sobre o Candomblé, delimitando seu papel histórico, seus saberes e visões de mundo, os significados de suas práticas, símbolos, narrativas míticas, suas relações com a vida, a morte, a natureza, enfim o universo cosmológico que ordena de maneira diferenciada a apreensão do mundo neste contexto religioso, o qual deve ser transposto para o contexto escolar numa perspectiva cultural pluralista, no sentido de permitir os alunos a entrar em contato com outras formas de construir o sagrado e de modo reflexivo tomar conhecimento sobre as formas de vida do outro e de si, não com propósito proselitista dado que a escola se propõe laica, mas multiculturalista na perspectiva de acolhimento,



desenvolvimento do respeito e valorização das diversas identidades grupais que se entrelaçam em nosso país.

A lei 10.639 nasce da necessidade de estabelecer parâmetros para o ensino da história e cultura Africana em todo currículo escolar, desdobrando-se nas diretrizes para sua implementação (BRASIL, 2004), na inclusão da história e cultura indígena através da lei 1.645/08 (BRASIL, 2008) e na criação do Estatuto da igualdade racial (BRASIL, 2010), este conjunto de marcos legais criados ao longo da última década refletem o esforço contínuo para garantir a igualdade de direitos, o respeito e a valorização das diferenças no sistema educacional. No entanto, sua efetivação em certa medida perpassa pelo reconhecimento do conjunto de representações sociais elaboradas pelos sujeitos escolares em relação a herança africana em sentido amplo e especificamente sobre o Candomblé.

Teoria das Representações sociais

O desconhecido evoca medo e nos mobiliza a construir um repertório de significados sobre os objetos sociais que nos são estranhos, é neste sentido que o conhecimento também é libertador, amparados nos universos simbólicos de nossa cultura acumulados historicamente lançamos mão das diversas instancias do saber humano para a construção de Representações sociais. Estas constituem verdadeiras teorias do senso comum produzidas no esforço para tornar o desconhecido em conhecido, o não familiar em familiar, para dar sentido aos objetos socialmente relevantes que nos defrontamos em nosso funcionamento cotidiano. Elaboramos toda uma cadeia articulada de conceitos para dar sentido a realidade, embora se considere um conhecimento leigo, estas teorias do senso comum, organizam-se a partir de uma lógica e coerência própria, que longe das formalidades científicas, são regidas por uma lógica natural fundamentando-se nas práticas sociais e diversidade grupais que compõem o tecido social (SANTOS, 2005).

As Representações sociais emergem dos processos comunicacionais da vida comum é na conversa durante a espera da consulta médica, no comercial televisivo, nas aulas de história, nos púlpitos das igrejas, na manchete do jornal, etc. que os fatos e objetos do mundo são dinamicamente modelizados com fins compor um sentido compartilhado de realidade, produzir identidades, organizar as comunicações e orientar as condutas. A fabricação destas representações se realiza por processos de objetivação e ancoragem, um objeto social será construído ancorando-se nos sistemas de representação preexistentes, o que é desconhecido será comparado, enquadrado e reajustado as categorias prévias, de modo tornar um objeto novo familiar (MOSCOVICI, 2003; SANTOS, 2005).



No processo de objetivação o objeto social ganha as dimensões figurativas e icônicas, deixa de ser uma abstração para ser transformando em material concreto e palpável, no entanto são significados em função dos conhecimentos prévios do grupo sendo reconstruídos de modo seletivo e descontextualizado de sua origem uma vez que o conhecimento social não é distribuído de modo uniforme sofrendo defasagens na dispersão da informação, durante a construção das representações sociais são selecionados aspectos do objeto, de acordo com os sistemas interpretativos do grupo, que serão naturalizados, identificados como elementos da realidade deste objeto.

Produzidas com a finalidade de explicar, compreender a realidade, transpondo os objetos sociais para um contexto familiar, elaboramos representações sociais estabelecendo nas práticas comunicacionais verdadeiros universos consensuais que corroboram e reafirmam nossas crenças, valores e tradições, mas que longe de compor instâncias homogêneas contém também divergências, contradições e conflitos que permitem mudanças e adicionam dinamismo aos processos de construção do conhecimento social.

A pesquisa em representações sociais tem se lançado a compreender como os diversos grupos humanos constroem simbolicamente uma diversidade de objetos sociais (doenças, outros grupos sócias, etc.), estas descrições nos ajudam a desvelar o conteúdo simbólico compartilhado pelos grupos, explicitam o modo como as pessoas se relacionam com o mundo real, é por meio destes conteúdos que os sujeitos orientam suas ações, eles assumem funções prescritivas sobre as práticas sociais definindo o que é permitido ou não, lícito ou ilícito, funcionando como guias para a conduta e regulando, por consequência, o que é desejável e admissível. Por outro lado, as representações sociais também servirão como justificadoras das práticas sociais, funcionando como referências para justificar os comportamentos em relação a um determinado objeto social.

No sistema escolar as representações sociais dos inúmeros grupos com posicionamento diferenciados se entrecruzam, por vezes se confrontam, os discursos políticos, ideológicos e institucionais se encontram neste espaço de negociação. Adicionalmente a escola tem um compromisso com a aprendizagem de conhecimentos científicos valorizados e estabelecidos como necessários a formação de cidadãos críticos, neste aspecto o discurso científico seus métodos e sua lógica, enquanto universos de representações reificados, são trazidos como objeto de ensino e aprendizagem para compor uma trama complexa de universos de significações. Para Gilly (2002) a escola deve levar em consideração suas vinculações com os conjuntos sociais de significações implicadas no processo educativo, os sujeitos da educação estabelecem nexos entre diversos pontos de saber que não necessariamente valorizam ou se limitam a coerência lógica, mas enfatizam um



sentido prático de sobrevivência, adaptação e conformidade ao grupo, o que está em jogo é o valor prático e instrumental de seus sistemas de representação social os quais devem ser postos em diálogo com os processos educativos.

A escola constitui o ambiente dinamizador das representações sociais na medida em que engendra um conjunto de práticas sociointerativas que possibilitam não só a reprodução, mas sucessivas recontextualizações dos saberes relativos aos objetos sociais diversos e reconstrução das bases de significação das representações sociais na confluência dos múltiplos posicionamentos dos grupos que a compõem, viabilizando a produção de mudanças nas representações sociais. É neste sentido que ressalta-se a importância de investigações das representações sociais no espaço escolar, especificamente os discentes comparecem com saberes próprios que devem ser abarcados pelo processo de ensino-aprendizagem como ponto de partida para ação educativa na medida em que eles nos informam as bases explicativas adotadas pelos sujeitos para construir a realidade, para definir e se posicionar perante a outros grupos e para significar por exemplo o Candomblé.

Investigar as representações sociais do Candomblé nos auxiliará a compreender os esforços construtivos dos alunos e alunas para dar sentido a este campo religioso, permitindo-nos interpretar suas condutas em relação aos praticantes desta forma de culto e caracterizar os diversos posicionamentos assumidos, bem como os sistemas de referência adotados para explicá-lo. Construir conhecimentos sobre o Candomblé na escola deve objetivar esclarecer e demarcar a importância deste na formação cultural brasileira e combater preconceitos e racismos contra a população e cultura negra, popularmente expresso através de discursos que primam pela demonização da cultura negra e das religiões de base africana. O Candomblé tem bases mitológicas, valores culturais e filosóficos das formas de compreender a vida que revelam o próprio modo de ser africano e de seus descendentes, trazendo conhecimento afrodescendente de utilidade para a vida cotidiana das pessoas que devem ser abordados em sala de aula, assim como as demais manifestações religiosas de matriz africana, figuram como dimensões históricas da identidade afrodescendente e mecanismo de resistência ao escravismo criminoso e dominação cultural, é parte do patrimônio cultural, material e imaterial do povo brasileiro que inscrevem-se na formação histórica nacional.

A presente investigação tem por objetivo descrever as Representações Sociais do Candomblé entre estudantes de uma escola pública de Recife. Parte-se da necessidade de compreender como estes alunos simbolizam tal religião, para que os educadores, supervisores, formadores e gestores escolares planejem estratégias didáticas, técnicas educacionais e atividades



de ensino para construção de conhecimentos sobre o Candomblé demarcando suas contribuições para a formação cultural brasileira, desconstruindo noções preconceituosas, intolerantes e etnocêntricas e contribuindo para implementação efetiva da lei 10639/03. Caracterizar as concepções dos alunos sobre o Candomblé por um lado oferece subsídios para atuação docente diante de um tema permeado por tabus, tensões e preconceitos dentro e fora da escola, mas também oferece um curto diagnóstico sobre a eficácia da lei 10639/03.

Metodologia

Participaram do estudo 80 alunos (52% feminino e 48% masculino) de uma escola pública do Recife, que cursavam o 3º ano do ensino médio, com idades entre 16 e 18 anos, quanto a religião 49% dos alunos se afirmaram protestantes/evangélicos, 41% católicos e 10% sem religião. Aplicou-se um breve questionário contendo uma tarefa de associação livre de palavras com fins a descobrir a estrutura semântica associada à palavra estímulo Candomblé. E as seguintes questões abertas: Para você o que é Candomblé? E qual a sua opinião sobre o Candomblé? Também perguntou-se aos alunos de que forma eles entraram em contato com informações sobre o Candomblé e se esta temática já foi discutida em alguma aula durante sua vida acadêmica. Realizou-se à análise de conteúdo de parâmetro temático, técnica pertencente ao rol das análises qualitativas; enquanto tal é destinada à compreensão dos significados construídos nas falas dos participantes, a partir de uma abordagem sistemática de imersão e aprofundamento no conteúdo das mensagens; elaborando-se inferências interpretativas sobre o fenômeno investigado e buscando ultrapassar a mera descrição dos relatos e caracterizar a estrutura semântica associada a palavra Candomblé (MINAYO, 2010). A análise de conteúdo com parâmetro temático operou-se com a busca de núcleos de significação, temas recorrentes no relato dos alunos, os quais foram fragmentados em categorias (BARDIN, 1977).

Resultados e Discussão

Em primeiro plano apresentaremos os resultados referentes a Tarefa de associação de palavras, ao ser usada a palavra estímulo Candomblé foram evocadas pelos alunos o total de 382 palavras a partir das quais foram geradas as seguintes categorias: **Elementos Rituais**: fazem parte desta categoria todas as palavras que fazem menção a elementos materiais usados nos rituais de Candomblé bem como aos espaços físicos de realização dos cultos como por exemplo: terreiro, velas, galinhas, bombo, oferendas, etc. **Negativação**: Inclui todas as palavras de conotação pejorativa como mal, tragédia, mentira, coisa ruim, morte, falsidade, perigo, maldade, instinto ruim,



etc. **Divindades:** Inclui palavras que referem-se aos Deuses cultuados no Candomblé e nas outras Religiões de matriz africana, como por exemplo: Orixás, Iemanjá, Iansã, Guias, Caboclos, etc. **Designações Genéricas:** Referem-se a palavras que expressam uma terminologia genérica de classificação do Candomblé, por vezes confundindo-o com outras formas de culto como por exemplo: Macumba, Magia Negra, Catimbó, seita, feitiçaria etc. **Espiritualidade:** Contém palavras que fazem menção as ideias espiritualistas que concebem o humano como formado por corpo e espírito que dissociam-se na morte, reencarnam ou incorporam no corpo de outros humanos. Por exemplo: espíritos, incorporação, espírita, reencarnação. **Papel religioso:** Inclui as palavras que se referem aos diversos papéis ou cargos hierárquicos ocupados por adeptos do Candomblé, por exemplo: mãe de santo, pai de santo, filho de santo, babalorixá, etc. **Sentimentos:** referem-se ao conjunto de palavras que expressam emoções tanto positivas como negativas, por exemplo, tristeza, felicidade, infelicidade, saudade, etc. **Filiação:** referem-se a palavras que fazem menção ao ato de se comprometer com uma determinada religião, quando alguém se filia a ela e assume suas práticas, símbolos, regras e valores. Contém termos como, por exemplo: pacto, obediência, responsabilidade, etc.

A categoria de maior ocorrência foi *Elementos rituais* (34%) seguida da categoria *Negativação* (18%), estas duas categorias perfazem 52% das palavras associadas ao Candomblé e compõem o núcleo central da Representação social desta religião. A categoria Elementos rituais remete a riqueza de materiais utilizados nos rituais de Candomblé entre as palavras reportadas: *terreiro, sacrifício, sangue, bombo, galinha, vela, bombo, dança, batuque, roupas brancas, etc.* Fazem referência aos espaços de realização do culto o terreiro, o rio, a mata, etc. os Orixás cultuados no Candomblé são personificados com espaços naturais específicos, tomados enquanto espaços sagrados de realização dos rituais, para o orixá Iemanjá o mar, para Oxóssi as matas, etc. As palavras evocadas também remetem as cerimônias públicas do Candomblé “festas, bombo, batuque, danças, roupas com muito brilho, etc.” ressaltam a natureza festiva dos rituais “no Candomblé se canta e dança na vida e na morte” (PRANDI, 1996), enfatizam-se os aspectos do culto que transparecem na cultura mais ampla nos ritmos, gestos e sons.

O Candomblé no relato dos alunos e alunas associa-se também as palavras “*sacrifício, sangue, galinha, vela, etc.*” que refletem seu apego ritual e material. Para Motta (2000) o Candomblé é uma religião materialista e intramundana, nele parte-se da crença de que o axé enquanto energia vital que equilibra o estar no mundo está presente nas coisas materiais, é transportado, se converte e circula entre as matérias animais, minerais, vegetais e corpóreas através



de rituais cíclicos que envolvem a oferta de uma variedade comidas a base de grãos, tubérculos, óleos vegetais, etc. com o uso de ervas sagradas e a imolação de animais cujo sangue é portador e transmissor de axé. Os rituais de oferta guiam-se pelo princípio de reciprocidade entre os deuses e a comunidade de culto, alimentam não só aos Orixás, mas também a comunidade, constituindo os elementos centrais desta prática religiosa. É através dos rituais, seus elementos e alimentos ofertados que o povo do santo faz a manutenção da energia vital individual e coletiva, incluindo aí os próprios orixás, e dos laços sociais estabelecidos na família de santo (MOTTA, 2000).

As representações sociais se amalgamam com os sistemas de classificação estabelecidos historicamente na sociedade e a escola comporta e reflete estes sedimentos simbólicos que definem os atributos da cultura negra em torno de significados negativos. A categoria Negativação reflete as associações das representações sociais dos discentes com estes discursos hegemônicos reunindo um conjunto de significados que posicionam o Candomblé como *o mal, a tragédia, uma mentira, uma coisa ruim, a morte, a falsidade, o perigo, a maldade, o instinto ruim, etc.* O imaginário negativo em torno da cultura negra é um dos pilares simbólicos do colonialismo, sustentado historicamente pelo discurso eugenista no campo médico-científico o qual define o negro como categoria infra-humanizada e biologicamente inferior e reforçado pelo discurso religioso judaico-cristão hegemônico que classificou os negros enquanto os sem alma, operando uma leitura dos cultos africanos enquanto direcionados ao mal, ao demônio. Compondo uma série de mecanismos de dominação simbólica em prol de garantir favorecimento grupal branco e eurocêntrico, que se desdobra em discursos religiosos e científicos para deslegitimação da cultura afrodescendente. Atualmente estes estratos simbólicos arcaicos que primam pela negativação e demonização das religiões de matriz africana se renovam e se mantêm pelo discurso de outras práticas religiosas postos em circulação na TV, rádios e mídias em geral e são reproduzidos nas representações dos alunos *“Acho o Candomblé muito perigoso apesar [de] que eu não acredito nisso. O Candomblé faz mal as pessoas”* (Feminino, 17 anos).

Outras categorias aparecem periféricas na representação social do Candomblé apareceram com frequência menor, como *Designações genéricas* (12%) na qual o Candomblé aparece associado a termos que os desqualifica enquanto religião *“seita, idolatria”* ou relacionado a outras práticas afro-brasileiras como *“macumba, magia negra, catimbó”* evidenciando que os alunos não diferenciam as diferentes formas de culto que compõem a matriz religiosa afro-brasileira, especificamente o termo *“macumba”* de elevada ocorrência nesta categoria refere-se a um instrumento musical usado nos cultos afro-brasileiros que ganhou contornos pejorativos para



discriminar os seus adeptos. O catimbó refere-se a uma forma de culto afro-ameríndio praticada no Nordeste brasileiros, enquanto a magia negra trata-se de um conjunto de práticas mágicas realizadas por vários povos desde a antiguidade que não compartilham da cosmovisão subjacente ao Candomblé.

O destaque as dimensões espiritualistas do Candomblé relacionadas à reencarnação, dissociação do corpo e da alma, transe e incorporação são ressaltadas na categoria *Espiritualidade* (11%), cabe pontuar que as crenças sobre corpo, alma, vida e morte no Candomblé são diferentes das crenças do Espiritismo de base kardecista e suas variantes como descrito por Prandi (1996). A categoria *Divindades* (11%) enfatiza os Orixás do panteão africano, dimensão central do Candomblé, sincretizados largamente no imaginário brasileiro com os santos católicos e referenciados em uma série de manifestações de nossa cultura. No entanto, os alunos também associaram o Candomblé ao “*diabo*” (28 referências), figura não pertencente ao panteão africano, sendo de origem cristã, foi sincretizado com o orixá Exu desde a colonização Africana pelos jesuítas e resiste nas representações sociais do Candomblé, ainda que neste não haja a noção de céu, inferno, punição ou condenação eterna. Para um dos participantes desta pesquisa no Candomblé se “*Fazem oferendas ao diabo*” (Masculino, 16 anos) esta concepção persiste sendo difundida por segmentos religiosos contemporâneos.

E por ultimo as categorias *Sentimentos* (9%), *Papel religioso* (4%) e *Filiação* (2%). A categoria Sentimentos expressa as dimensões afetivas evocadas perante o Candomblé, congregando, mesmo com baixa frequência, em seu conteúdo sentimentos positivos como “*paz, felicidade, feliz*” e negativos como “*tristeza, carência, infelicidade*”. A organização e estrutura das comunidades de culto no Candomblé obedece a uma trama hierarquizada de cargos dimensão ressaltada nas associações dos alunos pela categoria Papel religioso. Esta categoria reflete as funções que os iniciados no Candomblé assumem no transcurso de sua experiência devotiva, um noviço é chamado de abian o qual será submetido a iniciação, passará por rituais periódicos, e com o passar dos anos adquirindo experiência no culto e sob orientação dos Orixás lhes será atribuído pela comunidade de culto funções dentro dos rituais e seus respectivos ensinamentos. E por fim a categoria Filiação enquanto elo estabelecido pelos adeptos e que requer “obediência” e “pacto” de compromisso, cuidado e preservação em relação ao culto e aos deuses.

Quando perguntados o que é Candomblé? 43% dos alunos o definiram a partir de um único aspecto: como religião espiritualista (16%), ou religião africana (16%) ou usando designações genéricas “*é macumba*” (11%). Alguns adolescentes (16%) não sabem e outros 16% demonstraram



respostas confusas que não apontam para características ou práticas da religião como “*É uma religião onde pessoas são sacrificadas e invocam demônios ...*”(feminino, 16 anos). Alguns adolescentes (27%) expuseram respostas mais abrangentes apontando várias características do Candomblé compondo um eixo que define o Candomblé como religião espiritualista, que cultua Deuses cujo relacionamento com estes baseia-se na realização de sacrifícios, oferendas e na incorporação como, por exemplo: “*...é uma religião africana, que tem como base os orixás...os adeptos se reúnem em uma casa para fazer rituais e sacrifícios para determinados orixás ao qual essa casa pertence e pessoas também acreditam em espírito e incorporam...*”(feminino, 17anos).

Quando perguntados ‘Qual a sua opinião? O que você acha a respeito do Candomblé?’ 49% dos alunos acham o Candomblé uma religião prejudicial e exprimem desgosto em relação a ele: “*perigoso, faz mal, não gosto é prejudicial...é errado, condenável*”. Outros 16% posicionam-se a partir de um julgamento judaico cristão mesmo considerando que cada um tem seu livro arbítrio “*Deus deu livre arbítrio, mas a bíblia diz não adorarás ídolos. É um dos dez mandamentos da Bíblia*”. (Feminino, 17 anos). Para 16% dos alunos cada um tem “*Livre arbítrio, respeito, mas não gosto*” e 12% consideram que Cada um tem seu livre arbítrio e devemos respeitar suas escolhas.

Em relação as formas de contato e obtenção de informações sobre o Candomblé, somente 8% do participantes já assistiram ou participaram de algum ritual de Candomblé. Na escola não existe a disciplinas Ensino religioso. Quando indagados se já assistiram alguma aula sobre Candomblé 94% dos participantes nunca assistiram aula sobre o tema e 67% dos alunos relataram que já tiveram contato com algum material sobre Candomblé através de jornais, filmes ou documentários.

Em relação as formas de contato e obtenção de informações sobre o Candomblé, somente 8% do participantes já assistiram ou participaram de algum ritual de Candomblé e 67% dos alunos relataram que já tiveram contato com algum material sobre Candomblé através de jornais, filmes ou documentários. Verificamos o silêncio sobre as religiões de matriz africana na escola, na escola pesquisada não existe a disciplina Ensino religioso, quando indagados se já assistiram alguma aula sobre religiões de matriz africana em seu percurso acadêmico 94% dos alunos, que estão no final da educação básica, relatam que nunca assistiram aulas sobre o tema.

Considerações finais

A representação social do Candomblé dos alunos investigados organiza-se primeiramente na ênfase em algumas dimensões da própria religião, os elementos que compõem sua ritualística, as divindades, as estratificações hierárquicas e as crenças espiritualistas de sua teologia. Quando



convidados a definir e avaliar o Candomblé, verificamos que os educandos não conseguem elaborar um discurso sobre ele, majoritariamente constroem definições restritivas e confusas sinalizando o pouco conhecimento sobre esta forma de culto, primam pela seleção de alguns componentes cujos significados são retirados de seu contexto cosmológico e mitológico os quais são naturalizados e tomados como realidade do próprio objeto (noções de diabo, demônio, sacrifício de pessoas, etc.). As dimensões do Candomblé evocadas nas associações livres aparecem agora descontextualizadas, ancorando-se no discurso judaico-cristão que historicamente sustenta um processo de negatização associado as práticas religiosas africanas. Ao que parece o silenciamento desta temática no contexto escolar deixa um vácuo de conhecimento sobre os aspectos cosmológicos, históricos e culturais do Candomblé preenchido pela construção de perspectivas negativas basilares para a manutenção de estereótipos negativos, negação identitária, preconceitos e discriminação no interior da escola, alimentando também o desejo de extinção do que é diferente “*por mim não existiria, mas respeito*”. Neste sentido, ressaltamos a necessidade trazer a cosmovisão do Candomblé para a sala de aula, circunscrevendo o universo simbólico deste contexto religioso, oferecendo possibilidades de deslocamentos reflexivos em função da adoção de outras visões de mundo pautando-se em uma perspectiva multiculturalista em educação.

Referências

- BARDIN, L.(1977). **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70.
- BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**: contribuição a uma sociologia das interpenetrações de civilizações. São Paulo: Pioneira : Ed. Univ. S. Paulo, 1971.. 2v.
- BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 10 jan. 2003. Seção 1, p. 1.
- CAPUTO, S. G.. **Educação em terreiros - e como a escola se relaciona com crianças de Candomblé**. Rio de Janeiro: Pallas, 2012.
- CUNHA JUNIOR, Henrique. Candomblés: como abordar esta cultura na escola. *Revista espaço acadêmico*- nº 2, 2009. p. 97-103.
- FRANÇA, D. S. S. de; SIMÕES, E. L. G.; CARDOSO, L. F. M.; MIRANDA, E. N. de. O imaginário das religiões afro-brasileiras no ambiente escolar. *Cadernos Imbondeiro*. João Pessoa, v.2, n.1, 2012.
- GILLY, M. As representações sociais no campo da educação. In: JODELET, D. **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2001.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 29. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010. (Coleção temas sociais).
- MOSCOVICI, S.. Por que estudar representações sociais em Psicologia? **Estudos**, v. 30, nº 01, pp. 11-30, 2003.
- MOTTA, R.. Tempo e Milênio nas Religiões Afro-Brasileiras. In: XXIV Encontro anual da ANPOCS. Caxambu: Encontro Anual da ANPOCS, 2000.



III CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE
E D U C A Ç Ã O

PRANDI, Reginaldo. **Herdeiras do axé**. São Paulo, Hucitec, 1996.

SANTOS, M. F. S. A Teoria das Representações Sociais. In M. F. S. Santos & L. M. Almeida (Orgs.), **Diálogos com a Teoria das Representações Sociais** (pp. 15-38). Recife: Ed. Universitária da UFPE/ UFAL, 2005.

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br